

## **EDUCAÇÃO DESUMANIZADORA SOB OBSERVAÇÃO E REFLEXÃO: A educação e escola como instrumentos de luta e resistência ou de conservação, domesticação, alienação e subordinação**

DEHUMANIZING EDUCATION UNDER OBSERVATION AND REFLECTION: Education and school as instruments of struggle and resistance or of conservation, domestication, alienation and subordination  
EDUCACIÓN DESHUMANIZANTE BAJO OBSERVACIÓN Y REFLEXIÓN: la educación y la escuela como instrumentos de lucha y resistencia o de conservación, domesticación, alienación y subordinación

### **Marcelo Barboza Duarte**

Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Atua na Secretaria de Estado e Educação do Rio de Janeiro, SEER. [mbduarte@id.uff.br](mailto:mbduarte@id.uff.br).

Mailing address: Secretaria de Estado e Educação do Rio de Janeiro. Av. Prof. Pereira Reis, 119 - Santo Cristo, Rio de Janeiro - RJ, 20220-800.

Recebido em: 04.03.2020.  
Aceito em: 27.05.2020.  
Publicado em: 01.07.2020.

### **RESUMO:**

O artigo em tela tem como objetivo refletir sobre as contradições, antagonismos e problemáticas que envolvem a educação, seus modos e processos; bem como a escola, a pedagogia, o Estado e o sistema capitalista. Para tanto, começamos ressaltando ainda a infeliz ineficiência da função e papel que a estrutura educacional e escolar desempenha. Ineficiência objetiva e controlada por um empresariado e políticos brasileiros que se colocam a disposição de em primeiro lugar defender os interesses do capital internacional, do capital nacional e em segundo os deles próprios. Que na verdade é o primeiro! Com isso, partindo de tais reflexões, aos modos que a pedagogia, a educação e a filosofia foram tratadas ao longo do tempo e da história, aos modos e formas que a educação e a escola se comportam no atual Brasil, encerramos com importantes reflexões.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação; Escola; Capitalismo; Estado; Sistema; Filosofia.

### **Introdução**

Infelizmente ainda possuímos uma educação que inculca certa aversão a política, ao saber sobre e ao compreender questões políticas, incluindo ao buscar o conhecimento e a relação dos acontecimentos com origens políticas. Possuímos uma educação que marginaliza a filosofia, a sociologia, a história e o pensamento crítico e filosófico, isso desde a ideologia educacional ao espaço dentro da própria escola, onde há professores e funcionários que são pedagogizados a desdenhar do pensamento abstrato, crítico, racional e filosófico, negam a história como ciência e campo de conhecimentos, tendo a mesma apenas como um estudo do passado e de museus, concepções antigas, porém

arraigadas nos dias atuais. E ainda há concepções de que sociologia é ferramenta e ou instrumento de subversão e de desordem, objetivando revoluções. Logo, temos uma escolarização para pobres, sendo vulgar, conservadora dos padrões e ideais dominantes, uma educação elitista na sua visão, ideologicamente com e de caráter para e de domesticação humana, disciplinar e alienadora. Sobre a ideologia vejamos o que nos informa Chauí,

O que torna possível a ideologia é a luta de classes, a dominação de uma classe sobre as outras. Porém, o que faz a ideologia ser uma força quase impossível de se atingir e ser destruída, é justamente o fato de que a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar. Em outras palavras, a ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses, ou Deus, a Razão ou a ciência, a sociedade, o Estado) que existem em si e por si, e as quais é legítimo e legal que se submetam aos mesmos (CHAUÍ, 2006, p. 87).

Linhares, Mesquita & Souza corroboram afirmando que,

Para Althusser, a ideologia presta um serviço de fundamental importância para a burguesia dentro do sistema capitalista; é por meio dela que a burguesia consegue manter o seu *status* de classe dominante. Ela está presente na formação das classes sociais, na perpetuação das condições de reprodução, nos aparelhos ideológicos estatais e privados, e com muito mais força, nas escolas. (...) Para o pensador francês, a ideologia é o sistema das ideias e das representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. São ideias falsas a respeito de si e da realidade. A ideologia promove a organização das relações objetivas em função de suas representações. Esses produtos do cérebro humano crescem ao ponto de dominar o homem completamente, assim, nos tornamos criações de nossas próprias criações ou falsas representações da realidade (LINHARES, MESQUITA & SOUZA, 2007, p. 2).

E sobre a alienação, Chauí nos diz que,

Marx e Engels mostram que as relações dos indivíduos com sua classe é uma relação alienada. Ou seja, assim como a Natureza, a Sociedade e o Estado aparecem para a consciência imediata dos indivíduos com os poderes separados e estranhos que os dominam e governam, assim também a relação dos indivíduos com a classe lhes aparece imediatamente como uma relação com algo já dado e que os determina a ser, agir e pensar de uma forma fixa e determinada. A classe ganha autonomia com relação aos indivíduos, de modo que, em lugar de aparecer como resultante da ação deles, aparece de maneira invertida, isto é, como causando as ações deles (CHAUÍ, 1980, p. 37).

O fato é que, a educação e a pedagogia sem a filosofia, a sociologia, a história, o pensamento crítico e o filosofar não são uma prática de educação que forme o educando de modo integral e abrangente, mas um mero processo dogmático e ortodoxo de inculcação, domesticação, treinamento, adestramento, disciplina, controle, alienação e submissão humana. É tornar os estudantes em meros robôs e ou animais que agem por estímulos, são ordenados a fazerem alguma coisa, são recompensados e sorriem. Mata-se a humanidade, sua criatividade, senso crítico e capacidade de alargamento intelectual. Já que, "A ideologia é resultado da luta de classes, e que tem por função esconder a existência dessa luta. Podemos ainda acrescentar que, o poder ou a eficácia da ideologia aumentam quanto maior for sua capacidade de ocultar a origem da divisão social em classes e a luta de classes (CHAUÍ, 2006, p. 90)."

Desse modo, acredito que a educação e a escola como um processo de sociabilidade, socialização e formação dos indivíduos deve sempre ser atualizada, flexível e abrangente. Isso para evitar os dogmatismos, ortodoxias e etnocentrismos, bem característicos das sociedades submetidas aos grupos e ou classes conservadores e sobretudo submetidos aos ditames do sistema e estrutura capitalista. Uma vez que, para atender aos interesses, objetivos e finalidades do sistema capitalista, desde indivíduos, instituições, relações, políticas e economia na gestão do Estado se tornam instrumentos e peças da engrenagem de e na produção capitalista. Logo, podemos dizer que o processo educacional e escolar não vislumbra uma real e efetiva aprendizagem do educando, já que a educação escolar em si mesma já é uma construção burguesa e com objetivos a atender seus interesses econômicos, social e político, sobretudo, ideológico.

Desde já, é importante dizer que Freire nos infere que,

Você, eu, como um outro sem número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1992, p. 126).

Sendo assim, os indivíduos que não se submetem ou se adequam a se tornarem meras peças na engrenagem do sistema e estrutura capitalista, logo, logo são segregados, descartados e excluídos, como não sendo úteis e necessários ao processo educacional Escolar Estatal. Portanto, são tão logo jogados as margens sociais, e assim marginalizados em e de diversas formas, âmbitos e aspectos. Porém, o não estar dentro 'de' ou submetido

'a' educação e a escola com as características e funções descritas, é marginalizado pelas mesmas, mas, assevera Freire,

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram 'fora de'. Sempre estiveram 'dentro de'. Dentro da estrutura que os transforma em 'seres para outro'. Sua solução, pois não está em 'integrar-se', em 'incorporar-se' a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se 'seres para si' (FREIRE, 2002, p. 35).

Assim sendo, Freire quer nos dizer que a educação e a escola são espaços muito mais amplos do que o mero e simples treinamento de seres humanos e a domesticação dos mesmos. Isso porque "a educação tem sentido porque homens e mulheres são seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, e de saber o que ainda não sabem" (FREIRE, 2001 p. 40).

Portanto, processos educativos enveredados por métodos retrógados, segregacionistas, ortodoxos, dogmáticos, de controle e disciplinar, não passam de métodos excessivos e em excessos para a obtenção da obediência, disciplina, submissão e domesticação. Uma vez que, é extremamente importante a educação e a escola proporcionarem aos indivíduos a compreensão de sua condição de sujeitos, e sobretudo seres com a estrutura e dimensões biopsicossocial, histórica e cultural. E essa compreensão de si do sujeito, gera conscientização e libertação que resultam na emancipação e autonomia social e humana. Ou seja, o sujeito se descobre em si e no outro, logo passando a pensar e a agir sem tutelas que o levam ao cativeiro da ignorância e as ações de interesses dos que o oprimem. Uma vez que, segundo Freire, nós,

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (FREIRE, 1992, p. 16).

E contribui Linhares, Mesquita & Souza,

(...) a transformação da besta humana em sujeito via ideologia é para que este aceite livremente a sua condição de sujeição, e os atos da mesma diante do grande e soberano Sujeito (O Estado). Assim, nossa educação, formadora de nossa mente social, visa servir, em primeiro lugar, aos interesses do Estado, como diria Lacan, "O grande Pai". Por essa causa, são considerados bons sujeitos, os sujeitos que pela

mediação da ideologia da classe dominante presente nos AIEs (Aparelhos Ideológicos de Estado), seguem os modelos propostos pelo sistema capitalista, pela burguesia, sem contestar tais padrões e concepções de mundo. Como Freire diria – “Sujeitos passivos, sem fala, unidos visceralmente à natureza” (LINHARES, MESQUITA & SOUZA, 2007, p. 3).

Ora, “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 2006, p. 30).” Dito de outro modo, o fato é que, é importante a educação e a escola proporcionarem aos seres humanos a sua compreensão enquanto sujeito social e cultural, e por isso, os referidos, se compreenderem como a um organismo que atua, se auto-influência, altera as relações humanas e assim as modifica, bem como ao mundo. Já que o processo de compreensão e conscientização geram a libertação humana e a emancipação social.

Sem dúvida alguma, o processo educacional e a escola, escolarização e educação da mesma ainda cumprem a função e o papel de ensino para o emprego, no máximo; e em muitos outros casos produção de mão de obra excedente para o sistema e sua engrenagem, porém isso é mais que notório que não dá, a realidade é nua, crua e cruel diante dos fatos e situações que envolvem a educação brasileira, sobretudo a pública. Logo, o jogo de palavras das propostas empresariais e políticas da classe dominante para com a classe dominada é pura e velha retórica ultrapassada. Uma vez que, a realidade demonstra que precisamos de educação e de escolas, escolarização e formação integral e para o trabalho criativo, livre, digno, solidário e humanizador do sujeito. As ideias de meritocracias e propostas de uma educação meramente empregatícia, desumanizadora e mercadológica já demonstra de modo claro que não condiz e nem atende as necessidades e realidade humana e social.

Entretanto, não nos admira que, em geral boa parte dos cientistas, especialistas e técnicos que são treinados pela classe e estrutura dominante, assim como tantos outros, e isso tanto em universidades, laboratórios e outros espaços, e que em geral são oriundos da classe média ou intermediária, com a objetiva missão de serem os mestres, produtores, sensores, treinadores e capatazes que irão inculcar, testar, disciplinar e segregar as massas trabalhadora e produtora, dentre os que prestam dos que não prestam, dos que aprendem dos que não aprendem, dos que se submetem e obedecem docilmente dos que não obedecem e não se submetem docilmente. Logo, boa parte da classe média são

os especialistas que trabalham intencionalmente e objetivamente para a classe dominante, sendo assim para manter o *status quo* e conservar o sistema e a estrutura, de modo a averiguar as condições das massas e seus filhos para serem instaladas nas engrenagens de produção capitalista e dominante.

Dito de outro modo, o fato é que inúmeros profissionais, técnicos, cientistas e educadores, bem como de diversas outras áreas são treinados para verificarem, testarem, prepararem e condicionarem a produção humana, as massas desde a infância, enquanto criança, para serem alojadas na produção de mercadorias e estabilidade da ordem e organização social. Ou seja, muitas instituições e seus processos educacionais e ou escolares são os laboratórios de formação e formatação que se forma de modo obrigatório, imposto e disciplinar desde as crianças filhas dos trabalhadores, aos próprios trabalhadores adultos e idosos para a expansão da produção do sistema capitalista. E Sanfelice concluí que,

A escola pública, em seus diferentes níveis e modalidades, tem sido necessária ao capitalismo, é melhor incluí-la na orquestra sob a regência de uma mesma batuta, do que viabilizar que ela desafine. As economias locais, os Estados nacionais (...) não importa mais a nomenclatura que se use com suas respectivas políticas educacionais para os seus sistemas públicos de ensino, vão gradativamente sendo obrigados, mas também com o consentimento de representantes locais, a dançarem uma única música (...) Internamente as situações vão se repetindo em nível estadual (...) Garantidos os interesses privatistas, a escola pública que vai sobrevivendo por necessidade do capital (...) tem que ser afinada pela mesma regência para que, apesar dos resultados adversos, a vitória final seja do contendor por enquanto mais forte: o capital (SANFELICE, 2002, pp. 16-17).

Ou seja, nossas crianças já nascem dentro de uma estrutura e sistema social como uma grande fábrica ou montadora humana, no qual criam-se objetivos com estes, que parecem coisas, produtos e mercadorias, que irão gerar outros produtos, coisas e mercadorias. Onde sua educação e formação é meramente funcional e utilitária, no demais, após isso, descarta-se como uma peça ou instrumento ineficaz ou inútil. São todos tais seres humanos como meras máquinas, animais e ou programas, no qual os teóricos da classe dominante dizem poder formatar tais pessoas, configurá-las e programá-las, condicioná-las e as porem para funcionar, produzir e assim também acelerar o processo, no qual quando não funcionar mais, estragar, parar de funcionar, der defeito ou ser ineficaz, se descarta, exclui e põe-se outro no lugar. Assim vive milhares ou milhões de seres humanos.

## Os modos, tipos e finalidades da educação e da escola

Logo, ao longo da vida do indivíduo a educação pode se dar de modo formal ou informal. O formal tido como a educação promovida pelas instituições autorizadas a tal finalidade. Já o modo informal o processo educativo que o indivíduo está submetido nas relações sociais e institucionais ao longo da vida, pois é um modo de educação indireta, porém bastante efetiva sob a vida dos indivíduos.

O fato é que o Estado é o aparelho que promove a educação, regula a mesma e a oferece. Entretanto, o referido aparelho está sob o domínio de determinados indivíduos, que pertencem a determinados, grupos, classes e a interesses dos mesmos. Sendo assim, a educação e a escola sob a gerência e gestão de um determinado grupo e ou classe no poder e gestão do aparelho do Estado, talvez possa ser oferecida e se dar de modo arbitrário a própria lógica educacional, que ao invés de educar o indivíduo, na verdade tal aparelho pode ser utilizado para domesticar, doutrinar, inculcar e disciplinar os alunos de modo a se submeter aos interesses econômicos, políticos, sociais e até religiosos de determinado grupo ou classe que esteja no governo e gestão do Estado. Ora, Linhares, Souza e Mesquita nos dizem que,

(...) O Estado funciona como um aparelho ideológico e como um poder de força coerciva. Organiza-se como um instrumento que serve para garantir os interesses da classe dominante – a burguesia, sobre a classe dominada – proletariado, ou a classe trabalhadora. Sendo assim, o Estado tem por objetivo assegurar, por meio das ideologias sobre os valores, as concepções de mundo, etc., e/ou da força física, a permanência da burguesia no poder. A escola é o aparelho de Estado que define o Estado como força de execução e de intervenção repressiva. (LINHARES, MESQUITA & SOUZA, 1970, p.32).

Desse modo, todo o processo de educação e aprendizagem além de ser forçado sobre os indivíduos submetidos ao processo educacional escolar e ou formal, como serem colocados em modos de serem doutrinados e moralizados com a moral do grupo e ou classe que está no poder do e no Estado. Com isso, pode-se observar que a educação e a escola em seus processos e métodos podem ser de coerção e para a coerção, de doutrinação e para a doutrinação, de disciplina e para a disciplina. Isso para que os indivíduos internalizem os ideais e interesses do grupo ou classe ao qual está no poder, pensem como os mesmos e ajam segundo os interesses de tais grupos ou classes. Logo, se verifica também que a educação e a escola em seus processos e métodos são

instrumentos de controle e dominação, inclusive de poder, poder sobre os outros, seus modos de pensar, agir e objetivar, poder sobre o corpo e a mente dos outros.

Ora, ora, não nos admira que há tipos de educação, métodos e processos diferentes, diferenciados, sendo uns para os pobres e outros para os ricos, uns para quem pode pagar por uma educação melhor e outros modos para quem não pode pagar, uma educação inferior. Porém, precisamos esclarecer dois fatos importantes. Mas antes é preciso dizer que “Não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia, comida e mesmo de trabalho (...), pois essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudanças estruturais da sociedade (FREIRE, 1992, p. 70).” Uma vez que,

(...) Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de experiência feita para ser de experiência narrada ou transmitida (...). A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo encha de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicamente compartimentada, mas nos homens como corpos conscientes e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo e entre si (FREIRE, 1985, p. 79).

O primeiro fato importante é que a educação e escola considerada pública já teve seus méritos, isso desde o considerado ensino Básico, que hoje corresponde ao Ensino Fundamental e Médio. Mas esses tempos são sempre curtos e combatidos por interesses de grupos ou classes divergentes no e do âmbito de promoção da educação e escola pública. Sendo isso por diversos motivos e situações, no qual destacaremos alguns a seguir.

Como a educação e a escola, seus métodos e processos são instrumentos de controle, dominação, disciplina e poder, a mesma foi rodeada de diversos interesses particulares, de grupos e ou classes. Como ela já era um espaço marcado por e de conflitos de interesses diversos, tanto de quem governa o aparelho Estatal, dos organizadores, professores, alunos e comunidade escolar como um todo, a escola acaba se tornando um local de disputas de interesses. Porém, o interesse único e objetivo deveria ser em contribuir na educação do indivíduo, preparando-o para a vida, a sociedade, as relações sociais e o trabalho. Observe que destacamos quatro categorias: vida, sociedade, relações sociais e trabalho.

O indivíduo não é apenas um ser no mundo, mas também sujeito, pois torna quase tudo ao seu redor e percepção em objeto, isso intencionalmente ou não intencional, consciente ou inconsciente. Como indivíduo e sujeito, o ser desse está vivo no mundo, e não morto, pois mostos não objetivam e nem intencionam, tão pouco possuem consciência. Já que tudo se degenerou, deteriorou e acabou.

Com isso, o indivíduo que é sujeito também está vivo no mundo, e por estar vivo ele com outros vivem querendo ou não sob regras, costumes, hábitos e modos, dentro de uma estrutura chamada sociedade. Logo, ao estar em sociedade, respeitando e sendo respeitado, tolerando e sendo tolerado, cada um vivendo sua vida e ao mesmo tempo direta ou indiretamente se ajudando, ocorre aí também as relações sociais. E tal vivencia em sociedade e relações sociais entre indivíduos que são sujeitos, também se complementam para a vida no e do trabalho. Trabalho que contribui para a melhoria da vida do indivíduo como dos outros da sociedade e das relações sociais, direta e indiretamente. Trabalho que continue o processo de formação e educação do indivíduo, o trabalho atuando na educação formal e informal simultaneamente. Desse modo Freire nos diz que,

O educando precisa se assumir como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito, que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, e o educador entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior, o de conhecer, que implica reconhecer (FREIRE, 2003, p. 47).

Desse modo, a educação e a escola deveria contribuir para a formação do indivíduo enquanto ser vivo, sujeito, para viver em sociedade e como proceder nas relações sociais. Incluindo aí a vida e atuação no e para o trabalho. Porém, o trabalho não vem primeiro, mas em último, pois a vida, o indivíduo e sujeito mantém seus primeiros contatos com a sociedade e com as relações sociais, e somente depois com o trabalho. Seja na infância ou vida adulta. Já que enquanto bebê não possui capacidade de independência ou de subsistir. Isso só ocorre após certa idade, alguns por volta ou entre de três a quatro anos, e outros por volta ou entre de quatro a seis. Sendo assim, os primeiros contatos desses indivíduos é com a vida, a sociedade e as relações sociais, o trabalho só aparece quando há possibilidades de tais realizarem. Note que digo trabalho e não emprego!

O fato é que o trabalho é mais antigo e atual do que o emprego. Uma vez que, trabalho é toda e qualquer atividade e produção humana, geradora de renda-salário ou

não. A exemplo, varrer a casa é trabalho, sempre foi, assim como cozinhar, carregar água, lavar roupa e dentre outros. Já o emprego é mais moderno, surge com a necessidade de empregar alguém a uma atividade, serviço, função ou trabalho de modo remunerado ou não. Porém, as características do emprego é algo mais ligado ao empregar em tal local, por determinado tempo, sob determinadas condições e com X pagamento-salário-valor.

Portanto, trabalho muitas das vezes é emprego não remunerado. E emprego é muitas das vezes mais trabalho do que o emprego. Sendo assim, as vezes se trabalha mais no emprego do que o verdadeiro trabalho que fora empregado a realizar. Logo, podemos dizer que quase todo emprego é trabalho, e que todo trabalho geralmente não é visto como emprego.

Não nos enveredaremos pelo assunto, problemas e contradições entre o termo e prática trabalho e emprego, mas apenas situamos uma das finalidades e objetivos da educação formal e não formal. Portanto, esses seriam alguns dos objetivos e finalidades da educação, escola e seus métodos e processos.

O segundo fato importante é que, como a educação e escola pública, seus espaços, métodos e processos é um espaço de disputas, conflitos e interesses diversos, os grupos e ou classes que detém poder econômico, político e social criam também suas várias instituições de ensino-educação, também com objetivos e finalidades, bem como conteúdos diferenciados da escola pública. Isso para ser concorrente com a mesma. Criando vários tipos de escola e com educação diversificada, eles colocam a educação em cardápio, como um *self service*, no qual o cardápio é ou pode ser variado e de acordo com as condições econômicas do consumidor, ou seja, aquele que pode pagar e consumir.

Não nos admira que em certos casos há empresários que são também políticos e donos de instituições de ensino-educação. E ao invés destes em vários casos, incentivarem e lutarem por uma melhor educação e escola pública, acabam na verdade militando para desestruturar, sucatear e destruir a educação e a escola pública. Já que são empresários, lutarão pela permanência, vitória, existência e expansão de sua empresa educacional-escolar. Logo, a escola pública é uma rival, concorrente e impedimento dos interesses de tais empresários e políticos. Ou seja, há empresários e políticos que lutam para a extinção da educação e escola pública, pois esta é empecilho aos seus negócios, interesses e objetivos. E quando não conseguem extinguir a escola pública, pois a deles é privada-particular e paga, eles tentam fazer com que aquela exista de modo precário, abandonada, sem investimentos e sucateada. E assim atuam de modo a captar recursos

públicos da escola pública para a escola privada-particular e paga. A percepção desses fatos e a não compreensão dos mesmos, inclusive a normalizarmos tal fato e as vezes até defende-los, se chama alienação. Para tanto, Chauí assevera dizendo,

Marx e Engels mostram que as relações dos indivíduos com sua classe é uma relação alienada. Ou seja, assim como a Natureza, a Sociedade e o Estado aparecem para a consciência imediata dos indivíduos com os poderes separados e estranhos que os dominam e governam, assim também a relação dos indivíduos com a classe lhes aparece imediatamente como uma relação com algo já dado e que os determina a ser, agir e pensar de uma forma fixa e determinada. A classe ganha autonomia com relação aos indivíduos, de modo que, em lugar de aparecer como resultante da ação deles, aparece de maneira invertida, isto é, como causando as ações deles (CHAUÍ, 1980, p. 37).

E Duarte contribui afirmando que,

Com isso, o campo educacional é/seria um espaço apropriado para se implantar uma ideologia em detrimento de outra. Ou seja, a escola é espaço de disputas de poder, e ali há embates ideológicos que contribuem para a formação plena e ou integral do educando ou sua total e ou completa alienação, logo, uma não formação plena e ou integral resulta em prejuízos e deficiências para o próprio educando. E isso seria uma contradição, já que à gênese da proposta escolar e seus conteúdos seria espaço ou local de lazer, desenvolvimento intelectual socialização, sociabilidade, desenvolvimento pleno e integral, abarcando a omnilateralidade do ser, no caso, o educando (DUARTE, 2017, pp. 126-127).

É possível notar a inversão ética, moral, lógica, gerencial, legal e administrativa do grupo e ou classe no poder do Estado, onde a escola e educação pública são abandonadas e não recebem investimentos, enquanto a escola e educação particular-privada recebe dinheiro público, ajudas e investimentos. Perceba que o ético, o moral, lógico e legal em tal gestão e administração do poder e dinheiro público, faz com que o público seja um fardo e estorvo, enquanto o privado-particular e pago se torna suscetível e apto a receber ajuda e dinheiro público. Desse modo, o governo e gestão que assim age com a educação e escola privada-particular e paga em detrimento da educação e escola pública, não administra para o interesse público e geral, mas sim para o interesse privado, particular e de seus grupos e ou classes.

**Uma breve história conjectural e sumarizada da Filosofia e Educação: da *Grécia* ao *Cyberespaços***

A Filosofia e Educação enquanto filosofia da educação, para educação e educação. Ambas com processos, métodos e especificidades peculiares nascidas no “berço da *Grécia Antiga*, a saber a *Grécia Clássica*.” Ora, é no movimento da *paidéia Grega* que aflora e se desenvolve os modos pedagógicos e filosóficos destas duas áreas distintas do saber. Porém e sobretudo, complementares, intrínsecas e quase imanentes. São conectadas e interligadas por uma *práxis* objetiva e crítica de e em si mesma. Sua origem até então é sistemática, mas não ortodoxa.

O ensino e a aprendizagem se dá num processo dialético tanto cognitivo, mental e filosófico, quanto pedagógico e educacional. A educação dentro da e pela pedagogia quanto filosoficamente se dá em avanços, etapas e construções. Quando reflito sobre a prática Socrática, Platônica e Aristotélica, podemos observar tais fatos. Há um desabrochar da mente que se coloca em tal processo e em meio a tais instrumentos de formação integral.

Ora, a formação proposta por tais filósofos era a formação integral do cidadão Grego. Isso em oposição a formação proposta pelos sofistas. Uma formação meramente “rasteira, superficial, rápida, relativizadora, objetivista e finalista fundamentalmente a obter um cargo ou posição social. Já a *paidéia* proposta pelos referidos filósofos.

Sócrates, Platão e Aristóteles não objetivam apenas uma educação com fins Estatais ou para suprir o mesmo. Mas uma educação que forme o cidadão, ético, moral e virtuoso. Aquele que esteja não sob ou sobre a *polis Grega*, mas misturado a ela e seu destino, bem como seu desenvolvimento e construções.

A educação é um instrumento moral e ação moral. Também o é de e para a desenvoltura do *status*.

Saindo dessas terras longínquas da *Grécia*, nos deparamos com a educação medieval. Uma formação cavalheirística e de corte. Quando sai desse modelo acaba se escorregando no abismo da educação dada pela Igreja. Uma educação religiosa e clerical. Não demora para as inspirações da Renascença intervir, juntamente com o Humanismo, e tão logo dar contornos mais abrangentes para a educação, seus conteúdos e processos. A formação contém de Pedagogia, Teologia, Filosofia a outras áreas de saber. Isso também vai impulsionar e influenciar nas modificações e transformações sociais.

Todo esse processo social, histórico e educacional desemboca em duas formas, modos e correntes de ver e perceber o mundo. O racionalismo e o empirismo, são as correntes que puxam tal movimento histórico, social e educacional. Ao mesmo tempo que são correntes que puxam, também são conteúdos que são puxados e alavanca que

move a história, move os processos e os avanços. Chega-se assim ao momento das luzes, o iluminismo faz o programa e a propaganda da nova era. A era das luzes da razão e da firmeza e certeza dos fundamentos da ciência. A filosofia e a Pedagogia fundam o racionalismo, o empirismo e sua síntese: a ciência moderna.

A educação é instrumento para e de revolução. A burguesia faz várias. Tanto com pedagogia quanto com filosofia. A educação é não mais apenas instrumento de *status* e poder, mas de divisão da sociedade em classes, em camadas e estratos. Filosofia e educação são apresentadas e dadas de modos objetivamente distintos: uma para a burguesia e outra para o proletariado.

Século XIX e a expansão da industrialização toma o mundo, a globalização bate as portas, educação não pode ser filosófica e nem há tempo para isso, muito menos filosofia e educação caminharem juntas, pois a ordem e o progresso ditam como e onde deve e é lugar, tanto da filosofia quanto da educação. As duas são obrigadas a se separarem. O divórcio se dá pelos e nos regimes totalitários. Porém, filosofia e educação continuam a se amar. Afinal, são almas gêmeas. Logo, em meio a balas, bombas e repressão continuam a flertar. Até articulam resistências e combates. Instrumentalizam sujeitos para a luta diária.

Ocorrem primeira e segunda guerra mundial. Ditaduras pelo mundo. A globalização se instaura e se efetiva pelo mundo como o *modus operandi* por excelência. O aparelho Estatal sob governos tirânicos e intolerantes, reprimem a educação e expulsam a filosofia. Agora é Lei, elas não podem se ver e nem andarem juntas. Parece um paradoxo, mas o bisturi da repressão, coerção e violência colocam ambas reprimidas e oprimidas em lugares opostos.

Uma reproduz tudo que o sistema e a conjuntura ordenam. A outra faz as críticas. O processo de produção se acelera cada vez mais e em escala mundial. A cultura assim como a educação viram objetos, mercadorias e são obrigadas a se prostituírem para sobreviver. Porém, o opressor não deixa dignidade para a educação. A filosofia faz o esforço de tentar resgatar a educação. Mas por estar seduzida por andanças quase prodigas e ou boemia, a filosofia se perde em meios de *status* e ideais. Ela mergulha num hedonismo e epicurismo radical. Chegou até ir pelo mesmo modo no sentido do estoicismo. A igreja e a religião benzeram a educação e evangelizaram a filosofia. Ambas se converteram ao pluralismo religioso, mas fazendo confissão. Ou seja, tornaram-se confessionais.

A pedagogia deixou de ser filosófica, ao menos parece. E a filosofia é exorcizada de sua pedagogia. Ambas estão desde a segunda guerra mundial sob disciplina e observação. São controladas e submetidas em espaços distintos a experimentos e torturas. Elas não podem estar juntas se expressando para as massas. Isso porque a Industria Cultural já programa uma nova pedagogia, uma nova educação e uma nova filosofia para a massa, a ideologia aumentada em nível máximo.

E assim ambas estão tentando sobreviver. Ora obedecendo as imposições e outrora criando meios de subverter a tais violências. Violências em diversos sentidos, âmbitos e aspectos. Uma vez que, elas além de serem perseguidas, afligidas e amputadas, foram proibidas de fazer ou inspirar qualquer procedimento que leve a reflexão ou a crítica da vida, da sociedade, do Estado, do governo, da gestão política ou do sistema escolar.

Já que parece que caminhamos para a realização daquilo que foi idealizado na obra do escritor *George Orwell*, 1984, só publicado em 1949. Filosofia e educação são imposta como instrumentos de controle, disciplina, coerção e doutrinação. Um processo domesticador quase num adestramento humano. Desse modo, a filosofia e a educação passam a ser administradas a conta gotas, tão somente para alimentar a educação nos e dos moldes de produção e para a produção, sobretudo para a reprodução da estrutura social e seu *status quo*. No qual os seres humanos são comparados, analisados e colocados como animais e ou máquinas, tanto para se desenvolver e produzir, como para obedecer e se submeter docilmente. Onde os processos de doutrinação pela globalização também se da via *Cybercultura* no e pelos *Cyberespaços* e vice-versa.

### Considerações

Verifica-se assim que, a questão inicial que expomos sobre a educação e escola pública serem espaços de interesses, disputas e conflitos diversos. Tanto pelo tipo, modo, método e processos que a educação deve ou não se dar, bem como o papel e a função da educação e escola pública como mero instrumento de assistência social e de reprodução do *status quo* social e do conservadorismo das classes dominantes. Logo, observa-se que além dos interesses objetivos e internos com a educação e escola pública, também há interesses e objetivos externos sob a mesma. Incluindo desde a sua existência como um aparelho reprodutor da sociedade de classes, uma mera instituição social e prestadora de serviços sociais, um local de divulgação da ideologia dominante e de obediência para com a mesma, bem como como a mesma deve sobreviver, o que oferecer e como oferecer. Desde que sua existência e atuação não prejudique os negócios e

interesses das instituições privadas-particulares pagas e a seus donos. Portanto, a educação e a escola pública são passíveis de serem constantemente e continuamente objetos de coerção econômica, pedagógica, política e financeira por parte da gestão que controla o Estado. Já que a educação e a escola pública caminhará conforme os interesses dos grupos e ou classes no poder dentro do governo e na administração da máquina-dinheiro público. Logo, Freire expressa que,

É preciso que a educação e a escola estejam em seus conteúdos, em seus programas e em seus métodos, adaptadas ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (...), uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjogue (FREIRE, 2006, p. 45).

Não nos admira que a instituição escolar pública apareça justamente como ideal burguês e para atender aos interesses e objetivos burgueses. Criando modelos de educação e escola que atendam aos seus filhos e outros modos que atendam aos filhos da massa pobre e assalariada, aos trabalhadores em geral. Sendo assim, os modelos, padrões e expectativas de educação e escola para as massas de trabalhadores será nos moldes de produção e reprodução humana para atender aos modos de produção do sistema e estrutura capitalista, inclusive para a manutenção do *status quo* social dominante. Onde os seres humanos são quase colocados e ou comparados e analisados como animais e ou máquinas, isso para se desenvolverem, aturarem, produzirem e para aprenderem aquilo que interessa quem está na administração e controle do Estado e do dinheiro público.

Ora, não nos admira que o indivíduo, pessoa, sujeito, ser vivo e corpo que são propriedades do próprio indivíduo e ser vivo, e que pertencem ao mesmo, se torna corpo e propriedade do Estado, corpo e propriedade do sistema capitalista e destinado a manutenção, conservação e expansão do poder do sistema. O corpo do indivíduo que também é ser vivo e sujeito, se torna instrumento do aparelho Estatal e apropriação do mesmo, e tão logo sendo preparado e repassado ao mundo do capital, o mesmo se torna em mera mercadoria, quase como um animal, um tipo de gado marcado e separado. Duarte se reportando a Foucault, nos informa que,

Por tais fatos, Foucault verificava que, por intermédio de instituições como hospitais, manicômios, prisões, escolas e asilos, se procurou excluir do cenário social as prostitutas, os mendigos, os doentes, os velhos e as crianças que vagavam pelas ruas, com o intuito de se

reorganizar o espaço urbano, esconder da vida social as expressões fatídicas da miséria e manter maior controle social e político de toda a massa social. Segregando e excluindo tudo aquilo que poderia causar "a desordem, violência, indisciplina, vadiagem e vagabundagem no tecido social, controlado e disciplinado pela coerção burguesa.

Observa-se que a docilidade é necessária ao novo habitat moderno, à civilização ocidental, e é conquistada por mecanismos materiais simples e bem determinados; já que é o resultado óbvio de uma teoria do adestramento praticada no indivíduo moderno. A subjetividade domesticada constituirá o sistema de produção e reprodução em várias áreas, esferas, âmbitos e aspectos. Sendo a subjetividade domesticada auxiliadora na sustentação do sistema, alimentando-o, e bem como de toda a sua manutenção. Foucault nos quer deixar nítido que os mecanismos de coerção dos corpos estão sobre o tempo e o espaço (DUARTE & MAIA, 2018, pp. 223-224).

Assim o Estado prepara o indivíduo, ser vivo e sujeito em produto de preço relativo, mero objeto e mercadoria que pode ser realocada, descartável ou substituída caso apresente problema. Logo, pode ser neutralizada em ação, excluída ou eliminada como algo que se lança fora. Desse modo, a vida e o corpo do sujeito não pertencem mais a ele, mas ao Estado e aos grupos ou classes que administram ou gerenciam o aparelho Estatal. Foucault corrobora dizendo que,

O poder disciplinar (...) organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois se é verdade que a vigilância repousa sobre indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede 'sustenta' o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um 'chefe', é o aparelho inteiro que produz 'poder' e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. (FOUCAULT, 2001, p.158).

Foucault nos demonstra que não há escapatória, pois estamos mergulhados dentro de um sistema disciplinar, controlador, vigilante, punitivo e que contribui para um processo formativo dos indivíduos, que vão deixando de serem vistos e tidos como vidas e sujeitos, para serem percebidos e aparelhados ao sistema como meros corpos, instrumentos de várias formas e modos de reprodução. Desde a biológica a social, simbólica e de mão de obra para a produção e reprodução do capital e do sistema como um todo. Um amontoado de corpos como peças humanas numa engrenagem que os desumaniza e depois os descarta. Pois tudo dentro do sistema capitalista, se transforma em coisas, objetos e mercadorias, da educação, escola, conteúdos, métodos, alunos e

professores, todos são coisas. Isso em meio a uma constante busca de mais volumes de capitais, segundo teoria de Bourdieu, onde M. Nogueira & C. Nogueira nos informam que,

(...) o conhecimento praxiológico não se restringiria a identificar estruturas objetivas externas aos indivíduos, tal como faz o objetivismo, mas buscaria investigar como essas estruturas encontram-se interiorizadas nos sujeitos constituindo um conjunto estável de disposições estruturadas que, por sua vez, estruturam as práticas e as representações das práticas. Essa forma de conhecimento buscaria apreender, então, a própria articulação entre o plano da ação ou das práticas subjetivas e o plano das estruturas, ou, como repetidamente refere-se o autor, o processo de 'interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade' (M. NOGUEIRA & C. NOGUEIRA, 2006, p. 26).

Logo, não se deve haver ideais de construções de essências humanas anterior e sob existências. Pois o que existe é a existência tentando sobreviver diante de vários determinismos econômicos, sociais, ideológicos e dentre outros. E assim, pela existência humana, os mesmos em sua espécie vão se humanizando, criando uma essência não anterior a existência, mas em consonância ou talvez a posteriori das existências construídas na prática por e em *práxis*, logo, todos nós professores e alunos não podemos idealizar construções de essências humanas antes da existência, pois a existência e a corporeidade precedem as supostas essências, pois a existência está no espaço físico e concreto, e sendo a mesma feita de realidade perceptível, de corpos e ações que estão em constante processos de desumanização, isso pelo sistema dominante e sua máquina de destruição de corpos, mentes e vidas. Ou seja, estamos continuamente num processo de "interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade" dos conteúdos, ideais e ideologia dominante e capitalista.

Sendo assim, o que há são obstáculos, dificuldades, lutas, embates, disputas, posicionamentos, escolhas, conflitos, sendo cada um responsável por si, por se construir e se fazer; de contribuir com a educação *omnilateral* e contribuir com a do outro, ajudando-o por e com sua existência, para que por meio e através dessa talvez se faça ou se realize uma essência, já que é na existência que somos capazes de poder fazer algo e de nos fazer, seja pelo ou o "bem ou mal," "o certo e o ou errado," mas eu diria: fazer pelo o que é justo e equânime. Acho que esse é o caminho, fazer o que é justo e equânime, e o que são? A hora, o momento, e a situação o dirá.

Logo, diante da vida e do existir, se fazendo, as escolhas aparecerão! E assim nós mesmos vamos na existência construindo nossa essência enquanto seres humanos,

indivíduos, sujeito, ser social, político, de trabalho e histórico. Todos nós também somos responsáveis por aquilo que somos ou nos tornamos, uma vez que, somos nós quem permitimos nos tornar ou deixamos fazer de nós, aquilo que os outros querem fazer de nós e conosco. Há escolhas, o difícil é escolher, decidir e seguir. Talvez se impor ou resistir. Todas estas situações relatadas nos fazem refletir sobre que tipo de educação e escola estamos tendo e gerando em nossas sociedades tidas como modernas. Incluindo nesse momento também as formas e modos superficiais, voláteis, volúveis, incipientes e acelerados dos processos, métodos e formação aligeirada, sem conteúdos e gerenciadas por ou pelos mecanismos de *cyberespaços*.

### References

- ALTHUSSER, L. (1987). *Aparelho Ideológico de Estado (AIE)*; tradução de Walter Jose Evangelista e Maria Laura Viveiros de castro. Rio de Janeiro. Editora: Graal.
- BOURDIEU, P.; ORTIZ, R. (1986). *O campo científico*. Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática.
- BOURDIEU, P. (2012). *O Poder Simbólico*. Tradução. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CHAUÍ, M. (2006). *Convite à Filosofia*. São Paulo, Editora: Ática.
- \_\_\_\_\_. (1980). *O Que é Ideologia*. São Paulo, Editora: Brasiliense.
- DUARTE, M. B. (2017). A dimensão ontológica do homem em Aristóteles e Marx: fundamentando o educando como ser político-social e de trabalho no processo educacional social. *Revista SABERES*, Natal RN, v. 1, n. 17, Dez.
- DUARTE, M. B.; MAIA, C. O. (2018). O impacto da violência na percepção de estudantes da educação básica - Niterói-RJ. *Revista SABERES*, Natal RN, v. 18, n. 3, Dez..
- ENGELS, F.; MARX, K. (2005). *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Editora; Boitempo.
- FOUCAULT, M. (2001). *Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões*. Rio de Janeiro. Editora: Vozes.
- FREIRE, P. (1985). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo. Editora: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo. Editora: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: Unesp.
- \_\_\_\_\_. (1992). *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e práxis*. São Paulo: Unesp.

- FREIRE, P.; HORTON, N. (2003). O Caminho se faz caminhando: Conversas sobre a educação e mudança social. Petrópolis-RJ: Vozes.
- JEAGER, W. (1995). Paideia – A Formação do Homem Grego. Martins Fontes.
- KUHN, T. S. (2004). A Estrutura das revoluções científicas. São Paulo. Editora: Perspectiva.
- LINHARES, L.; MESQUITA, P.; SOUZA, L. L. (2018). ALTHUSSER: A escola como aparelho ideológico do estado. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/.../CI-204-05.pdf>> Acesso em 13 de Jan.
- MARX, K. (2008). O Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2006). Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo, Editora: Boitempo.
- MAZZOTI, B. T. (1999). Filosofia da Educação: Uma Outra Filosofia? Perspectiva. Rondonópolis, V. 17, N. 32, P. IS -32, Jul./D81.
- NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. (2004). Bourdieu e a Educação. São Paulo. Editora: Autêntica.
- OLIVEIRA, D. A. (2004). A Reestruturação do Trabalho Docente: Precarização e Flexibilização. Educ. Soc., Campinas, Vol. 25, N. 89, P. 1127-1144, Set./Dez.
- SANFELICE, J. L. Prefácio. In SILVA, Maria Abadia. (2002). Intervenção e consentimento: a política educacional do Banco Mundial. São Paulo: Autores Associados.
- SANTOS, A. M.; BONIN, J. C. (2018). Filosofia da Educação: Implicações e Impactos na Pedagogia. Revista Educere Et Educare, Vol. 23, N. 27, Jan./Abr.

**ABSTRACT:**

The article in question aims to reflect on the contradictions, antagonisms and problems that involve education, its modes and processes; as well as the school, the pedagogy, the State and the capitalist

system. To this end, we begin by highlighting the unfortunate inefficiency of the function and role that the educational and school structure plays. Objective and controlled inefficiency by a Brazilian business community and politicians who are willing to

defend the interests of international capital, national capital and secondly, their own. Which is actually the first! With that, starting from such reflections, to the ways that pedagogy, education and philosophy have been treated throughout time and history, to the ways and forms that education and school behave in today's Brazil, we end with important reflections.

**KEYWORDS:** Education; School; Capitalism; State; System; Philosophy.

capital internacional, del capital nacional y en segundo lugar los propios. ¡Cuál es en realidad el primero! Con eso, a partir de tales reflexiones, a las formas en que la pedagogía, la educación y la filosofía se han tratado a lo largo del tiempo y la historia, a las formas y formas en que la educación y la escuela se comportan en el Brasil de hoy, terminamos con importantes reflexiones.

**PALABRAS-CLAVES:** Educación; Colegio; Capitalismo; Estado; Sistema; Filosofía.

**RESUMEN:**

El artículo en cuestión pretende reflexionar sobre las contradicciones, antagonismos y problemas que envuelven la educación, sus modos y procesos; así como la escuela, la pedagogía, el Estado y el sistema capitalista. Para ello, comenzamos destacando la lamentable ineficiencia de la función y papel que juega la estructura educativa y escolar. Ineficiencia objetiva y controlada por una empresa y unos políticos brasileños dispuestos a defender los intereses del